

**POLÍTICA E RESISTÊNCIA EM HANNAH ARENDT:  
CONSIDERAÇÕES EM DEFESA DA DEMOCRACIA**

[POLITICS AND RESISTANCE IN HANNAH ARENDT: CONSIDERATIONS IN  
DEFENSE OF DEMOCRACY]

**Ricardo George de Araújo Silva**  
[ricardogeo11@gmail.com](mailto:ricardogeo11@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-1954-1395>

*Doutor em filosofia – UFC. Professor da graduação e do mestrado acadêmico em filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Professor do quadro permanente de professores do mestrado Profissional em filosofia da Universidade Federal do Ceará [PROF-FILO-UFC]. Editor da Revista Reflexões de filosofia. [www.revistareflexoes.com.br](http://www.revistareflexoes.com.br)*

DOI: [10.25244/tf.v16i1.5604](https://doi.org/10.25244/tf.v16i1.5604)

Recebido em: 21 de março de 2023. Aprovado em: 10 de maio de 2023

Caicó, ano 16, n. 1, 2023, p. 291-302  
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v16i1.5604](https://doi.org/10.25244/tf.v16i1.5604)  
Dossiê Ética e Cidadania



**Resumo:** Ao tratarmos de política e democracia no pensamento de Hannah Arendt visamos trazer à tona um olhar sobre o mundo contemporâneo que manifesta uma postura de repulsa a estas. Entendemos que o pensamento da autora é relevante para nós, nele há pistas de como resistir a essa postura de ódio e ressentimento que alimenta o desejo do fim da política e da democracia. Entendemos que o fascismo e a personalidade autoritária e ressentida encarnam esta ameaça a vida pública e a felicidade pública. Nessa direção, entendemos que a mobilização no sentido de fortalecimento das instituições, mas, sobretudo, nossa ativa participação nas coisas públicas demarcam uma forma de resistência positiva e salutar diante do horror fascista e violento.

**Palavras chaves:** Política, democracia, Resistência, Hannah Arendt

**Abstract:** Abstract: When dealing with politics and democracy in Hannah Arendt's thought, we aim to bring out a look at the contemporary world that manifests a position of repulsion to these. We understand that the author's thought is relevant for us to clues on how to resist this posture of hatred and resentment that feeds the desire for the end of politics and democracy. We understand that fascism and the authoritarian and resentful personality embody this threat to public life and public happiness. In this direction, we understand that the mobilization towards the strengthening of institutions, but, above all, our active participation in public affairs, demarcate a positive and healthy form of resistance in the face of fascist and violent horror.

**Keywords:** Politics, democracy, Resistance, Hannah Arendt

## 1. INTRODUÇÃO

Ao trazermos à tona, as categorias: política e democracia estamos sensibilizados com as distorções e ameaças sofridas por estas em sua realidade histórico – política, sobretudo, no caso Brasil, mas não apenas. Nos parece, que o afeto do ódio tem sido o motor das manifestações públicas dos últimos anos e para muitos esse é o afeto que os anima.

Ir as ruas, nada mais salutar e legítimo, tem se mostrado em muitos casos, motivo para findar com esse espaço de aparição, uma vez que movimentos da extrema-direita, de base notadamente conservadora, ocupam o espaço das manifestações para solicitar o máximo de controle sobre este. A exemplo disso, gritam palavras de ordem pedindo o fim da democracia e intervenção militar, mobilizados pelos afetos do ódio e do ressentimento. Um contra senso, ao nosso entendimento, uma vez que usam do espaço democrático, para solicitar o fim deste.

A mágoa e o ressentimento são péssimos conselheiros, nos ensina Nietzsche. Nas trilhas do pensador alemão temos que o ressentimento é uma força reativa, marcada pela ideia de vingança e alimentada pelo ódio, que atua como mola propulsora diante dos objetivos colocados, como alvos a serem alcançados. Nos parece, que tamanha mágoa adoce o corpo atomizado, quando este, se potencializa numa manifestação, podemos dizer que temos uma massa ressentida e adoecida pelo ódio. Emerge aqui em alguma medida, a moral do escravo, eivada de ressentimento e adoecida pelo ódio e desejo de vingança. Como destaca Nietzsche;

A rebelião [...] começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtém reparação. [...] Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação. (NIETZSCHE, 1999, p. 28).

Neste contexto, é difícil comungar com os objetivos dos ressentidos e considerá-los minimamente dignos de diálogo, uma vez que nem abertos a esse expediente eles estão. O que nossa reflexão compreende é que esses movimentos estão cegos e agem pelo ódio que destrói e, nada constrói. Sentimento amargo que se manifesta como pura destruição. Animados pelo ressentimento lutam até pelo que prejudica diretamente a eles próprios. Chamamos isso de adoecimento político. Concordamos com Giacóia (2013, p. 192). Quando afirma que “Minado pela bÍlis infecciosa da vingança, debilita-se no sofredor o fôlego que ainda restava para a força defensiva, capaz de repelir o que prejudica”.

Buscar um culpado e punir este torna-se o objetivo maior do ressentido. Falta-lhe clareza histórica e bom senso para o diálogo e a vida pública. Sendo assim, agem em nome dos piores afetos [ódio-ressentimento] e guiados por este abandonam a realidade em nome de mundo fictício, cria um inimigo imaginário e, passam a viver e atuar em função deste.

Este inimigo objetivamente deve ser perseguido e destruído, haja vista que ele representa uma ameaça direta a ideia de mundo do ressentido. Como nos alerta Arendt, a noção doentia de

inimigo produz violência e morte. Alimentada pelo horror nazifascista esse ódio persegue difamação e, só se contenta quanto mata. Assim, o inimigo objetivo é para a pensadora aquele

Definido pela polícia do governo (...) é um “portador de tendências”, como o portador de doença. **Na prática, o governo totalitário age como alguém que persistentemente insulta outra pessoa até que todo o mundo saiba que ela é sua inimiga, a fim de que possa – com certa plausibilidade – matá-la em autodefesa.** (ARENDRT, 1989, p. 474) [*destaque nosso*]

Qualquer semelhança com o que tem acontecido no Brasil dos últimos anos, talvez não seja mera coincidência. Certamente não temos governo totalitário, mas experimentamos uma sucessiva corrente de discursos animados pelo ódio, pelo ressentimento que deu palanque e voz a um número significativo de membros dos aparelhos de repressão e a cidadãos comuns que passaram a esbravejar com a força de sua bÍlis contra todos aqueles que eles consideram um perigo.

Nessa esteira, foram alvos e são ainda hoje professores, sobretudo, os de ciências humanas. Cabe destacar o quanto essas posturas autoritárias e que paqueram fortemente com o fascismo tem profunda aversão a ciência e ao conhecimento<sup>1</sup> como um todo. Vivem um verdadeiro culto a ignorância. Como destacou Adorno (2020, p. 61) ressaltando as estratégias da propaganda fascista contra os intelectuais “o termo ‘intelectual de esquerda’ também é uma dessas expressões para assustar”, mas não só professores, a lista de alvos se estende a; LGBTQIA+, indígenas, mulheres, negros, entre outros passaram a ser alvos desse insulto sistemático, no intuito de colocá-los como suspeitos, como inimigos objetivos a serem combatidos, assim, qualquer ação contra eles estaria legitimada. É essa a lógica grotesca, todavia, perversa que se instaura mesmo antes do “ovo da serpente”<sup>2</sup> ser chocado.

O atual governo, recentemente derrotado nas eleições deixará o poder em breve, todavia, sua racionalidade infelizmente permanecerá entre nós. O fanatismo é a marca dessa mentalidade e, ao lado do sentimento de ódio, expressam as feições de um fascismo que se anuncia. A postura fanática dessa mentalidade reacionária, conservadora e autoritária se revela no ódio ao diferente, ao plural. Significativa parcela, da população brasileira nos parece está tomada, por essa racionalidade que “cega pelo fanatismo” em torno de um “mito” de “um messias” de um salvador da pátria aprovam a morte, o horror a violência.

Esse fenômeno, pautado no fanatismo toma conta dos altos escalões do governo e atinge a população. Ao nosso entendimento quando atinge a população ganha nova motivação, pois o fato de terem deixado o poder, os alimenta agora, de ressentimento e vociferam contra o mundo [democrático] que os desinstalou. O fanatismo sempre é um risco. Arendt nos alerta que

“O fanatismo dos altos escalões da elite, absolutamente essencial para o funcionamento do movimento, liquida sistematicamente todo real interesse em

<sup>1</sup> Esta aversão ao conhecimento, ao mundo intelectual é apresentado por diversos autores como uma característica do fascismo. Corrobora essa perspectiva além de Adorno e Arendt já citados Stanley, J. que asserveva “A política fascista procura minar o discurso público atacando desvalorizando a educação, a especialização e a linguagem. É impossível haver debate inteligente sem uma educação que dê acesso a diferentes perspectivas”. (STANLEY, 2019, p. 48)

<sup>2</sup> Alusão ao nazifascismo. Tratada no filme de 1977 com esse mesmo título do diretor Ingmar Bergman.

**Política e Resistência em Hannah Arendt: Considerações em defesa da Democracia.**

ARAÚJO SILVA, Ricardo George de

tarefas específicas e produz uma mentalidade que vê em toda e qualquer ação um meio para atingir algo completamente diferente. E essa mentalidade não se limita à elite, mas gradualmente toma conta de toda a população”. (ARENDDT, 1989, p, 459).

Ao apresentarmos esse cenário, não ousamos dizer que o “ovo da serpente” chocou, mas certamente continua na incubadora. Pois a lógica do horror, do ódio, da violência permanece em muitos e, no caso, Brasil, agora organizado. As falas do presidente, ao longo de sua carreira política, ganharam ressonância nos mais diferentes estratos da sociedade, do militar ao religioso, do político ao cultural, da escola a universidade. Suas falas de ontem se amplificaram na visibilidade de sua função. falas do tipo<sup>3</sup>:

- i) Sobre a ditadura I: “o erro foi torturar [os presos políticos] e não matar”.
- ii) Sobre a ditadura II: “se ela tivesse matado mais gente, teria sido melhor”
- iii) Sobre os Negros: “Quilombola não serve nem pra procriar”
- iv) Sobre o massacre do Carandiru: “A polícia militar deveria ter matado mais de mil presos, e não só 111.
- v) Sobre homossexuais: “Eu não seria incapaz de amar um filho homossexual. Prefiro que um filho morra num acidente, que apareça com um bigodudo por ai”
- vi) Sobre o país: “Só vai mudar com a guerra civil, matando uns 30 mil”
- vii) Sobre estupro: “Não te estupro porque você é muito feia e não merece” [esbravejou para deputada Maria do Rosário]

Nesse contexto, nos parece que a única saída é a resistência. Resistir ao ódio, a violência, ao fim das instituições. A postura de comodismo ou apatia só favorece ao crescimento desse adoecimento político que ocorre nas massas ressentidas. Aqui, emerge a necessidade de proteger e preservar o espaço público, a democracia e suas instituições, não por estas serem perfeitas, não temos essa inocência, mas porque entendemos que a democracia é que temos de melhor.

Sobretudo, porque no espírito democrático, os erros são discutidos e o espaço público permanece vivo para acolher o poder constituinte, como força viva que dialoga com o poder constituído, no sentido de otimizá-lo e modificá-lo em prol da felicidade pública e, não destruir a vida pública, em nome de alguns iluminados que acreditam que encontraram a verdade. É na pluralidade do mundo e na capacidade da agir e falar que manteremos o mundo público e resistiremos a toda forma de horror desejada pelo fascismo e seus braços.

Feita essa introdução que apresenta nossa temática, explicitamos nosso percurso que decorrerá em dois momentos o primeiro se apresentará a noção de política na trilha de Hannah Arendt, no intuito de demarcar as margens conceituais que entendemos orientar a ação. No segundo momento apresentaremos a democracia como regime que expressa bem a ideia arendtiana de pluralidade e felicidade pública e, aqui buscaremos apresentar aquilo que consideramos a grande ameaça à democracia, qual seja: o fascismo e suas formas de aparição. Nesta esteira, uma última consideração emerge, buscaremos discutir a ideia de resistência, via *lêxis e práxis* como formas de enfrentar os movimentos do ódio e do ressentimento, ao nosso entendimento, que hoje dão forma a um profascismo que se anuncia em muitas formas de manifestação de massa.

<sup>3</sup> As falas aqui citadas foram retiradas do Livro de Cid Benjamim et. al, intitulado: “O ovo da Serpente: a ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro. 2020. p. 13.

## 2. A POLÍTICA EM HANNAH ARENDT

A política em Hannah Arendt tem a ver com temas de uma potência heurística única, categorias como liberdade, pluralidade, espaço público, coragem, ação, alimentam e criam uma rede de sentido, em torno do que a pensadora compreende por política. Nessa direção, cabe destacar que na trilha da autora é inconcebível pensar política ao lado de expedientes como do ódio e da violência. Não cabe na gramática de Arendt esse binômio, ao contrário disso, onde existir o horror da tortura, a maldade grotesca da violência e do ódio ressentido pode ter tudo, menos política.

É evidente que a política é um espaço de antagonismo, de disputa de ideias. Mas de ideias e, não de existências. Não se concebe que a demanda agônica da política recaia sobre a eliminação física do outro. As disputas são sim, próprias da política e, não temos a ingenuidade de negar isto. Todavia, nossa forma contemporânea de organização política superou as disputas das lâminas do mundo pré-homérico pelas querelas pautadas na *léxis* e na *práxis*.

Portanto, sobre este aspecto da política, como espaço de luta, Arendt não tem nenhuma discordância dessa ideia, ao contrário, a tem em relevo em sua teoria. A pensadora destaca que o espaço público é um ambiente de risco, uma vez que revelar-se implica chocar-se com outros que também se revelam a nós. É nessa dinâmica do encontro dos diferentes que vamos visar o consenso, sabendo que este tem uma origem que é o dissenso.

Portanto, não se trata de negar o dissenso ou dirimir esse, negando sua existência, ao contrário, a política nos convida a conviver com o diferente, que sendo diferente não pensa em destruir o mundo público, mas luta por suas posições. Certamente aí temos riscos, que são próprios da vida pública, como diz Arendt: “Embora ninguém saiba quem revela quando desvela a si mesmo no feito ou na palavra, deve-se estar disposto a correr o risco de se desvelar”. (ARENDRT. 2014, p. 233).

De modo que estamos de mãos dadas com as reflexões da professora Simões, para quem,

Arendt (...) extrai o cerne de seu argumento acerca da razão de ser da polis, e de qualquer vida política, segundo o qual a criação do espaço público na Atenas clássica teria o propósito de mimetizar o campo de batalha troiano e a função imortalizadora do poeta épico. (FRANCISCO, 2007, p. 103).

Mas esse mimetismo não reproduz a morte física dos antagonistas, recupera o sentido de disputa, de questionamento legitimamente posto e, hoje, democraticamente estabelecido. Nessa direção, a política em Arendt é o local da revelação dos agentes. Que adentram o mundo via palavras e atos e significam suas relações públicas em prol de uma felicidade pública. De tal forma, que o significado de poder que emerge dessa concepção de política tem a ver com preservação, permanência e não destruição. Tem a ver com revelação e criação de novas realidades que acolham a vida plural. Nas palavras de Arendt:

**Política e Resistência em Hannah Arendt: Considerações em defesa da Democracia.**

ARAÚJO SILVA, Ricardo George de

O espaço de aparição passa a existir sempre que os homens se reúnem na modalidade do discurso e da ação, e, portanto, precede toda e qualquer constituição formal do domínio público e as várias forma de governo (...) O poder não pode ser armazenado e mantido em reserva para casos de emergência, como instrumentos da violência, mas só existe em sua efetivação. (...) O poder só é efetivado onde a palavra e o ato não se divorciam, onde as palavras não são vazias e os atos não são brutais, onde as palavras não são empregadas para velar intenções, mas para desvelar realidades, e os atos não usados para violar e destruir, mas para estabelecer relações e criar novas realidades. (ARENDRT, 2014, p.247-248).

Desta feita, a política em Arendt tem seu sentido posto na liberdade e, não há outro sentido possível, a não ser esse. (ARENDRT, 2002, p, 38). Ser livre implica na responsabilidade com o mundo, portanto, tem parâmetros, pautados no interesse público e, não na autossatisfação, seja ela econômica, como soe acontecer nas sociedades neoliberais, sejam elas de abuso de autoridade, como figuram nas formas de governo autoritário ou que flertam com o este.

A liberdade em Arendt, portanto, não é o despautério do falar o que se quer, sem responsabilidade com o mundo e com a vida pública. Não tem a ver, com a agir consoante minha vontade, sem considerar o espaço plural de convívio. A liberdade pensada pela autora, representa a permanência de um espaço de aparição e com a preservação das relações no interior deste, por isto, a liberdade expressa a política e vice-versa.

Todo espaço de aparição, sendo político por excelência, promove a liberdade a cada aparecimento, mantendo este espaço vivo e iluminado. Destarte, a liberdade em Arendt, se estabelece nas margens da conservação do espaço de aparição e não no direito desequilibrado de dizer o que se quer sem considerar a permanência da vida pública. Consoante a pensadora,

Quanto à relação entre liberdade e política, (...) se entendemos então o político no sentido da *polis*, sua finalidade ou *raison d'être* seria estabelecer e manter em existência um espaço em que a liberdade, enquanto virtuosismo, pudesse aparecer. É esse o âmbito em que a liberdade constitui uma realidade concreta, tangível em palavras que podemos escutar, em feitos que podem ser vistos e em eventos que são comentados, lembrados e transformados em estórias antes de se incorporarem por fim ao grande livro da história humana. Tudo o que acontece nesse espaço de aparecimento é político por definição. (ARENDRT, 2001, p. 201).

A política em Arendt é também a ação manifesta que acessa o mundo e nesta capacita novos começos e estabelece novos inícios. Agir funda o sentido da política em Arendt, não uma ação para o horror e a destruição, mas para criar. Embora não seja possível controlarmos os resultados da ação e, não possamos controlar o seu processo, podemos agir munidos de sentido de permanência, estabilidade e equilíbrio o que de partida desencadeia um agir que visa a proteção do mundo e, não sua destruição. Resguardados pelo perdão e pela promessa, podemos encaminhar um agir criativo em prol da vida e não da morte.

**Política e Resistência em Hannah Arendt: Considerações em defesa da Democracia.**

ARAÚJO SILVA, Ricardo George de

Toda ação é alguma medida um risco que corremos. Ao adentrarmos o espaço público estamos na arena das disputas. Neste espaço, interesses se chocam, interpretações de mundo se confrontam. Em si, isso não é ruim, ao contrário é a riqueza da vida plural. O desejo de uma só forma de pensar, de uma só visão da vida, de uma única estética ou de uma única forma de existência não pertence a política, mas a seu antagonista, qual seja o totalitarismo. Sobretudo, em Arendt é na pluralidade que encontramos a manifestação da política, pois nela nos encontramos enquanto tal e nos distinguimos no complexo da vida comunitária. Como esclarece a autora: “A pluralidade, condição básica da ação e discurso, tem o duplo aspecto da igualdade e da distinção” (ARENDR, 2014, p. 217).

Seguindo esta trilha, podemos afirmar que o horror da violência, se manifesta na contramão do que seja a política, uma vez que o embrutecimento das relações, que anseia pela morte do outro, emudece ação, contrariando o direito de fala se manifesta, via aniquilamento do diferente. Biopoliticamente podemos afirmar que todos que são considerados uma ameaça são potencialmente vidas a serem ceifadas. Não à toa Foucault nos alertou ao asseverar que “são mortos legitimamente aqueles que constituem uma espécie de perigo biológico para os outros” (FOUCAULT, 2017, p. 148). Existir e pensar diferente te revela como uma vida perigosa, infame. Nesta direção, melhor exterminar do que conviver, na perspectiva do ódio.

Essa lógica, está sendo alimentada pela mentalidade profascista que tomou conta do Brasil em grande medida. Uma racionalidade que fere o princípio da vida, não deve ser cultivada, mas combatida. A política, consoante Arendt deve ser o espaço de revelação e deve constituir um ambiente de acolhimento para as novas gerações, para que se possa sempre estar abertos a novos inícios. Destarte, para se ter novos inícios é preciso ter permanência, estabilidade, mundo, capaz de acolher a existência plural. Dito isto passemos a discorrer sobre a democracia.

**A DEMOCRACIA E A AMEAÇA DO FASCISMO**

Claude Lefort no prefácio do seu livro “a invenção da democracia” nos diz que “não se dará um único passo no conhecimento da vida política de nosso tempo sem nos interrogarmos sobre o totalitarismo” (LEFORT, 2011, p. 17). Concordamos com o pensador e ousamos dizer que no caso Brasil, não podemos fazer qualquer análise política sem considerar a ameaça fascista que ressoa na vida política do país, dos últimos anos.

Desconsiderar o avanço de posturas que visam normaliza a tortura, o extermínio e brandam pelo uso sistemático da violência contra povos originários, mulheres e LGBTQIA+ entre outros é abrir um precedente deveras perigoso. A democracia, atual pede socorro no sentido de proteger-se dessas posturas que em nome da liberdade fazem uso dos meios democráticos para com essa acabar. Uma eleição foi vencida pelo campo progressista, o que nos enche de esperança e alento, todavia, uma racionalidade da violência, do abuso autoritário, do ultranacionalismo e do conservadorismo está presente e, não mais de forma tímida, na sombra. Agora posturas profascistas emergem nos parlamentos, nas escolas, nas universidades nas igrejas, nas Tvs e mídias de um modo geral. Em alguma medida a democracia se encontra em cheque.

Entendemos que a democracia não só tem limites, mas também fragilidades, carecendo constantemente de proteção, resguardo e fortalecimento de suas estruturas uma vez que, sob nossos óculos, ela tem vulnerabilidades “congenitas”, isto é, sua estrutura comporta o germe de sua própria destruição. Uma vez que sua matriz de liberdade não barra, a princípio, nenhuma forma

**Política e Resistência em Hannah Arendt: Considerações em defesa da Democracia.**

ARAÚJO SILVA, Ricardo George de

de discurso ou manifestação, sob pena dela deixar de ser o que é o espaço da pluralidade. Neste movimento de acolhida é que por vezes crescem os antagonistas que a destroem.

Considerando o exposto acima, isto implica dizer, que ao comportar em sua estrutura a máxima de acolhimento de diversas posições e por vezes, ser a guarida das pluralidades, acaba por permitir, pelo menos de partida, que existam sob sua legalidade posições contrárias à sua própria condição enquanto democracia.

Dito de outra forma, a democracia acolhe a pluralidade que travestida de sentido democrático atua nela para uma vez no poder com ela acabar. Höffe (2005, p. 140) toca nessa questão ao apresentar diferentes posturas democráticas que inclusive negam fatos históricos da gravidade de Auschwitz sem maiores implicações, para citar apenas um caso. Nessa direção, para arrematar nosso argumento, não esqueçamos que Hitler chegar ao poder pela via democracia e, em seguida destrói está como instituto político.

Nessa trilha, é revelador a posição de Lefort (2011, p. 26) ao destacar que: “há choques de interesses particulares nos quais a democracia corre o risco de se deteriorar” certamente o autor está cômico de como a estrutura democrática é tensa em sua constituição original.

Assim, entendemos que ao comportar a diferença, a pluralidade a diversidade, tendo nisto, sua proposta primeira a democracia constrói seu edifício de ação ao mesmo tempo que se faz sob um alicerce que está sob tensão constante. E, talvez, seja isso, o que ela tem de melhor, ou seja, uma abertura perene ao diálogo, a contestação, a divergência, pois, ao tempo, que este modo de vida é deveras difícil e tenso é também é renovador e instaurador do novo e garantidor de segurança, sem ser engessado, sempre se permitindo a revisão, questionamento e decidindo de forma deliberativa pela liberdade e, não se fechando a uma verdade única.

Gosto de pensar a democracia como um modo de vida político que nos desaloja da zona de conforto. Não nos permite ficar adormecidos sob o julgo, nem acomodados pela indiferença. Viver em democracia implica sempre está exercitando o direito de ser o que se é e aprender a conviver com o direito do outro ser o que é, sendo diferente de mim.

Portanto, é sempre está diante do desconforto do diferente, do plural do diverso. Deste modo, a democracia, nunca é o “oásis da paz” mas, como a brincadeira de criança um cabo de guerra que se tenciona. A diferença é que no jogo da infância o objetivo é derrubar o opositor e na democracia é estabelecer um mínimo de equilíbrio de convivência, sabendo que a tensão é própria dela.

Assim, Estamos em certo sentido de mãos dadas com Touraine (1996, p. 76-77) quando destaca que “a democracia nunca é tão forte a não ser quando se apóia em uma oposição social de alcance geral”. Dito de outro modo, está é plena ao garantir a liberdade política na convivência plural.

O viés autoritário, aparece desejando espaço de fala e de ação e, não temos como negar a isso a ninguém em princípio, todavia, precisamos compreender o movimento que se efetiva, acompanhar seus passos e obstar seus abusos tanto na forma institucional como na ocupação da esfera pública, denunciando e fazendo frente ao horror que anseia se instalar nas instituições, para logo que possam implementem sua mentalidade de racismo, homofobia, misoginia e autoritarismo. De modo, que cabe a cada pessoa que compreende a importância da liberdade como sentido da política, se manifestar nos seus espaços de convívio e atuação profissional em favor da democracia. Essa resistência ao fascismo ou a suas formas iniciais de manifestação são importantes, uma vez que chegando ao domínio seu objetivo é sempre pior do que o esperando, nas palavras de Adorno:

**Política e Resistência em Hannah Arendt: Considerações em defesa da Democracia.**

ARAÚJO SILVA, Ricardo George de

Deve-se notar também que em relação às medidas repressivas e de terror, o fascismo habitualmente vai além do que é anunciado. Totalitarismo significa desconhecer limites, não permitir nenhuma pausa para fôlego, conquistar impondo dominação absoluta, exterminar completamente o inimigo. (ADORNO, 2019, p. 141).

O enorme grupo que votou e, em grande escala, apoia uma série de posturas autoritárias e violentas, são em um alicerce a ser considerado. Penso que não estamos apenas na disputa de ideias divergentes, em alguma medida floresceu uma aspiração ao poder concentrado, ao fim das liberdades, ao extermínio da diferença. Essas massas, são no interior da gramática de Arendt um alicerce importante para emergências de governos autoritários. Para a pensadora “o firme estabelecimento de governos autoritários [se deram] baseados no apoio das massas” (ARENDDT, 1989, p. 339).

A democracia tende acomodar e acolher sem questionar, sem acompanhar, sem obstar na hora precisa, o abuso que visa destruir o espaço de aparição pública. Arendt compreendeu essa falha. O que nos propomos aqui é chamar atenção, para observarmos, se não estamos diante novamente, das ilusões que Arendt apontou a despeito dos anos 30 e 40 no interior das democracias, que em seguida seriam suplantadas pelo poder totalitário. A autora nos apresenta o fim de duas ilusões que se manifestaram com o sucesso do totalitarismo e apoio das massas. E, essas massas foram decisivas. Diz Arendt,

A primeira foi a ilusão de que o povo, em sua maioria, participava ativamente do governo e todo indivíduo simpatizava com um partido ou outro. Esses movimentos, pelo contrário, demonstraram que as massas politicamente neutras e indiferentes podiam facilmente constituir a maioria num país [...] A segunda ilusão democrática destruída pelos movimentos totalitários foi a de que essas massas politicamente indiferentes não importavam, que eram realmente neutras e que nada mais constituem senão um silencioso pano de fundo para a vida política da nação. Agora, os movimentos totalitários demonstravam que o governo democrático repousava na silenciosa tolerância e aprovação dos setores indiferentes e desarticulados do povo[...]

Dito isto, o caso Brasil nos coloca uma pergunta: esses 60 milhões de votos que visaram dá sobrevida política a falas autoritárias e anseios por concentração de poder, repousam nessas ilusões apresentadas por Arendt? Me parece que uma reflexão precisa ser feita, no mínimo para não sermos surpreendidos por uma anomalia que cresce e damos a ela o tom de normalidade. Ou dito de outra forma, para não sermos surpreendidos pelo “chocar do ovo da serpente”. Repito, as eleições forma vencidas, mas uma mentalidade protofascista permanece e, nos parece que muito mais articulada do que antes. E com uma massa aparentemente disposta a encampar esse projeto e, não esqueçamos as massas são importantes não porque se autodeterminam mas porque são passíveis de condução, como muito bem ressalta Adorno:

**Política e Resistência em Hannah Arendt: Considerações em defesa da Democracia.**

ARAÚJO SILVA, Ricardo George de

Devemos ter em mente que o totalitarismo considera as massas não como seres humanos autodeterminados que decidem racionalmente seu próprio destino e que devem, portanto, ser tratados como sujeitos racionais, mas sim, que ele os trata como meros objetos de medida administrativas, ensinados, acima de tudo, a se autoanular e a obedecer a ordens. (ADORNO, 2019, p. 142).

De tal forma as manifestações, o ir as ruas, tão louvável e esperado em uma democracia quando ocorre, com viés autoritário, profascista, que visa o fim da democracia nos parece que nos conclama a resistência. O patriotismo, canarinho que veste a camisa da seleção brasileira de futebol se envolve na bandeira, numa captura dos símbolos pátrios, como se pertencesse apenas a essa parcela da população aliada a concentrações em frente de quartéis a conclamar a tomada do poder via força, são indícios do ódio ressentido e ruidoso, mas também emergem como ameaça à democracia. O problema não é se manifestar, isso é legítimo, a questão é manifestar pedido e, se organizando pelo fim do espaço público. Voltando a Arendt não esqueçamos o que ela identificou “tem sido frequentemente apontado que os movimentos totalitários usam e abusam das liberdades democráticas com o objetivo de suprimi-las” (ARENDRT, 1989, p. 362)

Nesse sentido, é que pensamos em resistência. Isto é, no fortalecimento das instituições, das leis, mas sobretudo, na luta diária e constante nas microestruturas em que habitamos, na escola, na universidade, nas associações, nas igrejas.

Por fim, precisamos agir e falar para resistir ao mal que insiste em adentrar o espaço público. É preciso compreender e resistir contra toda forma de horror autoritário, sob pena de se assim não fizermos, nossa democracia sucumbir diante do horror anunciado. Os tempos vindouros são de esperança, sim! Mas não de tranquilidade, o agonismo do mundo público pede a cada um de nós uma postura consciente e atuante. Para permanecer com Arendt, o momento atual nos convida a agir como o pária rebelde que precisa entender que resistir a toda forma de opressão é um dever de todo ser humano. Sendo assim, segundo a autora, devemos saltar do mundo de fantasia e ilusão, renunciando a proteção confortável da natureza e se entender com o mundo. Entendendo que cada um de nós é diretamente responsável pelo mundo que vive. (Cf. ARENDRT, 2016, p. 506).

**REFERÊNCIAS**

ADORNO, Theodor. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo. Unesp. 2020.

ADORNO, Theodor. **Antissemitismo e propaganda Fascista**. In: Ensaio sobre psicologia social e psicanálise. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo. Ed. Unesp. 2019.

ARENDRT, H. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo. Cia das Letras. 1989.

ARENDRT, H. **A condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. Revisão técnica: Adriano Correia. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2014.

**Política e Resistência em Hannah Arendt: Considerações em defesa da Democracia.**

ARAÚJO SILVA, Ricardo George de

ARENDT, H. **O que é política?** Trad. Reinaldo Guaranny. Org: Úrsula Ludz. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2002.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro** Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo. Editora Perspectiva. 2001.

ARENDT, H. **Escritos Judaicos**. Trad. Laura Mascaro et.al. Barueri – SP. Ed. Amariyls. 2016.

BENJAMIM, CID et. al. **O ovo da Serpente: a ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro**. Rio de Janeiro. Mauad X. 2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade - a vontade de saber**. Trad. Maria Tereza. Rio de Janeiro / São Pulo. Ed. Paz e Terra. 2017

FRANCISCO, M. F. S. (2020). **Hannah Arendt e o herói homérico**. *Cadernos De Ética E Filosofia Política*, 2(11), 97-118. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/165940> .

GIACÓIA, O. **Nietzsche: O Humano Como Memória e Como Promessa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LEFORT, C. **A invenção da democrática – Os limites da dominação totalitária**. Trad: Isabel Loureiro e Maria Leonor. Belo Horizonte. Ed. Autêntica. 2011.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral: Uma Polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo – A política dos nós e eles**. Trad. Bruno Alexander. Porto Alegre. Ed. L&PM. 2019.